GOVÊRNO DO ESTADO
Secretaria da Divulgação e Turismo
Editôra A UNIÃO

JOSÉ LEAL

ASSIM ERAM AS COISAS...

EDITÔRA "A UNIÃO"
JOÃO PESSOA - PB.
— 1971 —

Poucos homens tem produzido aqui na província, no terreno das letras, como José Leal, somando o que enfeixou na imprensa em mais de um jornal, em mais de uma secção — **Celso Mariz.**

Um bom livro o seu, meu ilustre Confrade, levíssimos trechos de história em belo estilo e lógica bem firmada — **Coriolano de Medeiros.**

Um vocabulário claro e ágil fixa tôdas as nuanças, evocando, com nitidez e simplicidade e elegância, figuras e cousas que o Tempo imobilizou em nossa memória — **Luiz da Câmara Cascudo**

Lendo o seu livro foi com saudade dessa boa terra que vi passar em revista os episódios mais notáveis da sua história, a feição geográfica que lhe é característica e as suas possibilidades econômicas — **General Boanerges Lopes de Souza**

Será José Leal o primeiro jornalista cósmico — **F. Vidal Filho**

Lendo-o, nêsse ângulo repetido e sem associação, me recordo de To-

maz Capote naquelas páginas de monólogo interior, onde o universo pessoal e absoluto, pouco interessando o leitor ou a marcha lógica para os terceiros — **Virgínius da Gama e Melo**

Autor de ensaios históricos, décano da imprensa, romancista, inspirador de tantas criações literárias e artísticas, a êle se prendeu mais de uma geração jornalística — **Professor Afonso Pereira**

Se tudo na vida dêsses homens se resumisse nisso, ela não seria mais que um jornalista: é que êle estravassou e transformou-se num escritor hábil e trabalhador, que oferece obras já editadas — **Oscar de Castro**

— ... Um valioso documentário de uma época, um estudo sociológico interessante, muito embora o jornalista não tivesse esta intenção. Todos os aspectos sociais, religiosos, educacionais e econômicos da terra natal, são focalisados numa maravilhosa síntese — **Carlos Romero**

OBRAS DO AUTOR

Êste pedaço do nordeste (esgotado)
A Imprensa na Paraíba (esgotado)
Reencontro da Vila (esgotado)
Itinerário da História (esgotado)
Família Costa Ramos (esgotado)
Acidentes Geográficos da Paraíba
Dicionário Bio-Bibliográfico Paraibano (inédito)
Noções de corografia e história (inédito)
Índice corográfico e administrativo da Paraíba (inédito)
Ronda provinciana (inédito)

JOSÉ LEAL

ASSIM ERAM AS COISAS...

EDITÔRA "A UNIÃO"
JOÃO PESSOA — PB.
— 1971 —

SUMÁRIO

Capítulos — Páginas

I PARTE

Entre-ato das Assombrações 15
O "ESTREITO" 19
A Casa das Bolas 23
Ponto Flamejante na Paisagem 27
O Relógio; O Diabo, Etc. 31
A Tarefa de Desarnar 35
Atropêlos do Tramaturgo 39
O Cotêjo 43
Raptos em Duas Épocas 47
Episódios fóra da Rotina 51
O Purgatório das Igrêjas 55
Altares e Nichos 59
Tragédia do Zéferino 63

II PARTE

Achamento 69
Recordações da Outra Vila 73
Imagens de 1930 77
Árvores do Bem e do Mal 83
Comunidade Peninsular do Paõ 87

UMA APRESENTAÇÃO SUPÉRFLUA

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

José Leal, veterano da imprensa paraibana, não se esgota em sua coluna diária, equilibrada e informativa. Consagra-se ainda à pesquisa, revolvendo arquivos que lhe fornecem elementos para anotações históricas.

Não direi que êle seja, pròpriamente, um intérprete dos acontecimentos; limita-se a registrar os fatos, retificando, muitas vêzes, versões tradicionais. Assim, a simples narrativa ganha sempre maior qualificação.

Seu patrimônio espiritual, que já é dos mais amplos, consagra-o como um fecundo trabalhador da inteligência.

No exercício do jornalismo adquiriu uma longa experiência. E, servido dos recursos de uma observação penetrante, soube acumular subsídios para se realizar no seu gênero.

A memória, em que tudo é real e vivido, tornou-se, no seu estilo, pouco pessoal. Prefere reanimar ambientes, traçar tipos humanos e caracterizar costumes.

Na crônica fixa impressões que se cristalizam como novos depoimentos.

Explora também o folclore que guarda a fidelidade da vivência oral e interfere, ao vivo, na consciência popular.

Neste livro a terra natal ainda está presente com fragmentos dos seus antigos cenários.

Restauram-se incidentes com a mesma atmosfera que os revitaliza.

O fantástico, o pitoresco, o típico representam características do tempo.

Tudo se desenha num tom mais atraente do que a própria ficção. E o que mais prende é a veracidade dos quadros que reconstituem uma paisagem já desfeita.

As invasões da vida moderna foram desfigurando as coisas, até que se perdeu a feição própria. E a técnica das comunicações acabou introduzindo outra mentalidade.

Insere a leitura, além do sabor recreativo, uma significação mais expressiva, como documento dêsse processo de transformação local.

Mas por que apresentar um nome feito?

PÓRTICO

Êste livro condensa matéria que deveria figurar, na sua maior porção, nas páginas do Reencontro da Vila, aparecido em 1961, há dez anos, portanto não constitui rigorosamente, o seu prolongamento.

A identidade reside na circunstância da fonte comum da inspiração de ambos, que não conseguimos renunciar para versar temas de mais profundidade e melhor ajustado às condições do meio.

Na verdade, o acêrvo de recordações da infância e puerícia anula, tirânicamente, a capacidade de insuflar vida a outros episódios que tiveram com o amplo teatro o planalto dos Cariris Velhos, sobretudo a Vila de São João, que em outros séculos se denominou Travessia dos Quatro Caminhos.

Esta é a fonte na qual nos viciamos abeberar o pensamento sempre que somos impelidos para a evocação de locais e gentes do passado numa evidente demonstração de vassalagem telúrica, consciente, embora.

Assim, quase todos os capítulos dêste livro sofrem da obcessão bairrista que nos domina o espírito e da qual não desejamos nos desfazer por vigorosos sentimentos de vinculação ao ambiente evocado.

Em resumo, ASSIM ERAM AS COISAS... não tem grande mérito estilístico, literário ou mesmo documental, mas representa momentos de evasão mental, que fixamos para que não se diluam na memória dos contemporâneos.

João Pessoa, maio de 1971

José Leal

I — PARTE

ENTRE-ATO DAS ASSOMBRAÇÕES

Projetando-se para as povoações vizinhas, através da zona rural, os caminhos se irradiavam da Vila no sentido de todos os quadrantes da terra, conduzindo o viajante a locais mergulhados num ambiente fantasmagórico, a se crer as "estórias", contadas pelos velhos habitantes das circunvizinhanças.

Não se encontravam as velhas casas de fazenda de tipo senhorial, poetizados por Stênio Lopes, que carinhosamente relembrou aspecto da vida rural do seu Estado, mas residências alpendradas, nas pulverulentas encruzilhadas de caminhos, às quais a imaginação do povo sureolava com o prestígio de assombrações estarrecedoras.

Uma velha casa nêsse itinerário, desfrutando arrepiadora notòriedade, tinha aparência acolhedora, protegida dos rigores caniculares por dois ranques de alpendres sustentados por colunas de madeira. O curral a um lado e, pegado à cozinha, a "gangôrra" de fazer farinha. No entanto, a tradição lhe emprestava côres de tragédia, que se teria desenrolado em seu recinto, alta noite, em tempos idos. Porisso à imaginação projetava cenas que deixavam longe as criações do cinema e da literatura de terror modernos.

Tropel de fantasmas, suspiros, ais e gemidos estraçalhavam o silêncio das noites que que envolvia em seu manto de trevas a decrepta casa alpendrada, plantada sôbre imperceptível relevo do terreno, coroado no cume, pela exuberância do macambiral.

Era usual aquela ruidosa e intimativa demonstração da

insatisfação dos espíritos, face a invasão do recinto onde imperava soberanos e imperturbados, no decurso de tantos invernos, visto ter a singularidade de se conservarem ausentes nas noites de estilo. Dir-se-ia, que procuravam o abrigo de um tecto a fim de resistirem o frio dos invernos caririzeiros.

A casa, no entanto, se mantivera fechada e inabitada vários anos após a tragédia que ensanguetara um dos cômodos, precisamente aquêle ocupado por casal recém-casado e onde a súbita loucura de um dos cônjuges, levou-o a retalhar o punhal o corpo branco e virginal da noiva, voltando, em seguida, a ponta acerada da arma uxoricidia para o coração, transpassando-o.

Os gritos da moça, afogados pelo golfar do sangue da jugular fendida, assim como onda vermelha a se filtrar sob a porta ,teria atraído a atenção dos habitantes que, depois de ingentes esforços para remover o obstáculo da porta trancada a chave e segura por ferrolhos da parte interna, foram deparar com o quadro de dois jovens mortos e o caudal de sangue a se confundir num mesmo charco.

A visão trágica dêsse quadro, jamais se apagou da retina dos que presenciaram e a imaginação criadora do povo, arquitetou os detalhes de uma assombração, que persiste a séculos, mesmo quando da casa resta apenas vestígios diluídos pela ação devastadora do tempo.

Transplantamos para essa página a "estória" ouvida dos lábios de velha e enrugada mulher caririense, que já era anciã no tempo da nossa adolescência, mas o seu repertório não se esgotava assim fàcilmente, porisso, acrescentaremos outros episódios fantásticos, que a nossa informante, se comprazia em relatar, acentuando ter sido testemunha visual de tudo quanto nos transmitia ao ameno contato que estabelelecemos naquela tarde embalsamada pela perdulária floração dos mufumbos.

Veio à baila o costume antigo do sepultamento das crianças que morriam sem receberem a água bustral do batismo, a beira das estradas, num cruzamento de caminho,

de preferência. E de sete em sete anos acordavam para, em chôro sentido, atrair a atenção das almas caridosas a fim de receberem o batismo que as tirariam do limbo reservado aos inocentes pagãos, porque os pecadores tinham outra e terrífica destinação.

A rota da assombração, como crismados a velha estrada, hoje abandonada, oferecia ainda outros obstáculos ao trânsito sossegado dos viandantes. Transposto aquêle obstáculo, a passos apressados, senão em carreira disparada, cabelos em pé, os nervos tensos e um friozinho a percorrer a espinha, cascos de cavalgadura arrancando estilhas de luz dos pedregulhos, até se colocar na distância onde não chegava o chôro e o bramir dos pagãos. Entretanto, depara-se o "Riacho de Defunto", assinalado pelo grupo de baraúnas e algumas árvores hirtas, esqueléticas, sob a sombra dos quais teria se operado a ressurreição de um defunto, que acordou para a vida ao embate do perfume que se evolava na fumaça, produzida por pedaço de boa carne de sol, a assar sôbre brazeiro improvisado. Já referí êsse episódio, mas não se perde relembrar, que levantando-se da rêde o defunto provocou a debandada dos carregadores.

O estado de espírito do indivíduo perseguido pela assombração real ou gerada na imaginação, só se apaziguava quando na sua frente projetava-se banhada na luz argenta, a fachada branca da casa senhorial de uma fazenda, tendo ao lado o açude, em cuja lâmina líquida se refletiam os raios doces de um luar caririzeiro, infundia coragem e espancava o mêdo.

O veículo matou a poesia das velhas trilhas magníficas das assombrações arrepiantes, de modo que atualmente se viaja prosaicamente por aquelas estradas, sem a posibilidade de vislumbrar o alvor de um sudário negrejando entre as sombras das árvores raquíticas e desfolhadas.

O prosaismo instalou-se infelizmente por todos os cantos da terra, daí as assombrações e os fatos miraculosos não terem mais vez.

O "ESTREITO"

Cabeleira loura ondeada, bigode tirando a fulvo, olhos de azul profundo, como os céus em noites tropicais, era o Tio Yoyô.

Fisicamente robusto, com traços nórdicos na fisionomia, o que o diferenciava dos demais habitantes da Vila, mas sobretudo, pela singularidade de manter um arremêdo do harém, no Estreito, onde abrigava mulheres que vieram, uma, espontâneamento, colocar-se sob a sua proteção, jovem de cabelos castanhos, olhos de "ressaca" e, a segunda, ainda mais jovem cuja mãe lhes entregava em retribuição ao pagamento de corte de fazenda de pataca e côvado.

Alegre, comunicativo, mas dominado por profunda ogeriza aos laços matrimonais, que deputava cativeiro intolerável, visto aprisionar os sentidos, freiando os impulsos dos instintos masculinos. Partidário da liberdade do culto de Vênus, sem preferência pelos seus objetos, mantinha contudo, sob severa vigilância e disciplina as protegidas, principalmente para que não dessem escândalos, afrontando à sociedade beata, a cuja margem viviam.

Regularmente, todos os anos, cada uma presenteava o protetor com robusto rebento, cuja paternidade não deixava dúvida, em vista de serem portadores de características reveladoras da origem.

O comportamento dessas odaliscas era mantido dentro dos limites de estrita decência, devido ao exercício, perdulário, do chicote que o Tio brandia, impiedosamente, certo da exatidão do rifão sertanejo de que "quem dá o pirão dá o cinturão". E não era raro ouvir-se o clamor dos pedidos de

mência, protestos de inocência que rompiam a quietude matinal do "Estreito", alcançando o centro da Vila. Era o Protetor castigando as protegidas, a fim de corrigí-las da tendência manifesta para a troca de desaforos e uso imoderado da linguagem suja, que eram a delícia da garotada que, assim, tinham oportundade de enriquecer o seu vocabulário.

O fato era de tal maneira corriqueira que os moradores da vila, ao ouvirem o rumor, os chôros, as imprecauções e os apêlos à misericórdia, exclamavam desplicitamente "Yôyô" está exemplando as suas mulheres, para que se eduquem nas boas maneiras e não provoquem escândalos, imitando as vizinhas daquela ponta de rua.

Os castigos se repetiam com regularidade cíclica, porque as mulheres, pelo que se dizia, tinham a memória fraca e esqueciam fàcilmente as chibatadas, voltando a se maltratatarem mùtuamente, usando o frondoso linguajar caraterístico. O ambiente era propício para essas expansões porque a "Estreito" era considerado pelas famílias da vila como área pecaminosa, onde muitas virgindades femininas e masculinas se perderam.

Não se procure o "Estreito" no panorama atual da Vila. O rio Taperoá levou os grupos de casas que eram refúgio das mulheres ditas de má vida, assim como arrancou pela raiz a gigantesca caraibeira, a cuja sombra acolhedora sestiava Inácia de Benigna, em promiscuidade com jumentos, porcos, ovelhas, cabras, que fugiam dos rigores da canícula calcinante. Próxima a essa árvore havia o local das reuniões dançantes semanais, animada pelo pontilhar da viola que era também o pôsto de atração dos moradores dos sítios e fazendas, que frequentavam em maior número que as missas do padre Ananias, nos dias de feira, aproveitando para se desforrarem da rotina doméstica.

O tio, a morte levou ainda moço, antes de transpor a casa dos trinta anos e o incipiente serralho se desfez, com a dispersão das odaliscas, tendo uma, a morena de cabelos castanhos e corpo com a conformação de Vênus Capígia, indo morar noutra cidade, dedicando-se a educar duas filhas,

aurindo meios para isso do trabalho assalariado. Ao passo, que a outra, a que tinha os olhos rasgados e faiscantes, encontrou marido, o indivíduo que vinha rondando o seu patrimônio, casando-se, e em seguida mudando-se para outro Estado. Conclui-se que não perderam as chicotadas perdularizadas pelo Tio, visto que as suas protegidas, perdendo o seu amparo, se comportaram com dignidade, pautando a vida pelas normas da moral e da decência.

Relembro o "Estreito", das casas ocupadas pelas mulheres ditas de má vida, com poucos vizinhas que não adotasse o mesmo meio de grangear o sustento. Recordo, a figura gorda de Inácia de Benigna, cleptomaníaca que era hóspede constante da cadeia, em virtude dos pequenos furtos que cometia instintivamente. Era o leva e trás do "Estreito" para a vila, ouvido pelas senhoras casadas, das quais era o espião, vigiando as escapadas dos maridos. Relembro a animação dessa ponta de rua, nos dias de feiras e mesmo aos domingos, quando as suas casas atraiam maior número de devotos que as missas celebradas na Matriz. E o gemer das violas, em noites de saráu, ainda ressoa nas minhas cordas auditivas, quando a imagem dêsse trêcho da vila reponta no horizonte da imaginação.

A figura do Tio Yoyô confunde-se nesta evocação, porque dominava o panorama do "Estreito" e, pelas recordações das suas visitas a progenitora, a nossa Dindinha, a fim de ouvir terrível sermão de fundo moral, encerrando-se invariàvelmente, pela indicação de uma moça para com ela se casar. E a resposta, também invariável, era tratar-se de sirigaitas, interesseiras e sem graça das quais o seu gôsto distanciava-se inexoràvelmente.

A Dindinha, então enchia-se de indignação e o intimava a desfazer o harém, indagando, se era verdade a informação que lhe chegara que o arrebanhamento de protegidas apenas começara visto que cêrca de cinco casas estavam para serem construídas, a fim de servirem de moradias dessas mulheres. O Tio, limitava-se a sorrir e confessar que a

indignação materna tinha tôda a razão, mas em nada influia no seu comportamento.

O "Estreito", o rio Taperoá destruiu, arrancando pela raiz a gigantesca Caraibeira, à cuja sombra se acolhiam Inácia de Benigna, cabras, ovelhas e jumentos que fugiam a violência canicular.

O panorama da Vila ficou mutilado com o desaparecimento dêsse trecho tão pitoresco da sua área urbana. Mas continua presente na saudade dos remanescentes da geração que presenciou os episódios evocados neste momento.

A CASA DAS BOLAS

Quadrada, inestética. Quatro janelas e uma porta em estilo ogival, abrindo-se para a larga fachada. A casa das Bolas, que ainda existe, privada do ornamento, objeto da admiração e motivo dos comentários, tanto aos habitantes da cidade, quanto dos transeuntes que porventura tocavam no velho burgo caririzeiro.

Encimando a platibanda três globos de vidro coloridos, davam a nota de originalidade à construção. As bolas refletiam, multicoloridas, os raios solares e a luz do luar, destacando-se do panorama urbano na meia treva da iluminação emitida pelos esparços combustores a querosene.

A casa enquadrava-se nos padrões arquitetônicos da época, sobressaindo pelo espaço que ocupava no conjunto das construções, em que predominavam as fachadas de beira-e-bica, com projeção dos telhados apoiados em peças de madeira, denominadas **cachorro**, antecipação das marquises dos prédios modernos.

As platibandas tinham como complementos longos canos de fôlhas, imitando jacarés, por cuja bocarra jorrava a água das chuvas, que raramente caíam na região, indo jogá-la distante das portas e janelas das residências, constituiam, no entanto, o deleite da meninada que, nua, se colocava debaixo do jôrro, desfrutando o prazer de um banho de chuveiro.

Casas isoladas não se vislumbravam nenhuma, na área urbana, visto predominar a tendência do geminamento das construções, como impulso contra os rigores da natureza e

a maldade humana, protegendo de acôrdo com o rifão, segundo o qual a união faz a fôrça.

Desconhecia-se a arborização das ruas e os jardins domésticos se reuniam em alguns pés de bugaris, craveiro branco, rosedá e outros semelhantes, em jarros a prova da investida das formigas e que perfumavam os quintais e forneciam as flôres com os mortos que iam para a cova envôlto em vestes brancas e os pés calçados em sapatos pretos, sem salto, que era para que não podesse sair a vaguear pelas ruas pedregosas.

Largos espaços vazios de construções, eram aproveitados para a instalação das peças dos fogos de vista nos dias de festividades da Padroeira, ou para a armação dos toldos dos circos mambembes, que chegavam como destroços jogados a praia pela condescência das ondas, senão, para o palco das cavalhadas e corridas de argolinhas.

Desfrutava a velha localidade, edificada sôbre o planalto da Borborema na altitude de 425 metros sôbre o nível do mar, clima cultural acima do ordinário, o que inspirou os espíritos despeitados a formulação do conceito de a cidade dos jumentos e dos doutores, porque na fase da história que rememoramos, abrigava um desembargador aposentado, quatro juizes de direito, dois na inatividade e os demais em pleno exercício da sua judicatura, além de dois padres, um brasileiro e outro português, sem falar no professor público, que vivera longos anos na Europa.

Aliás, a tradição do meio culto decorria do fato de ter existido famosos cursos de humanidade, dentre êstes o dr. Francisco Aprígio do Vasconcelos Brandão que construiu uma ala de casas para abrigar seus alunos. Essa famosa escola tarnsmitiu a algumas gerações de moços os conhecimentos científicos essenciais ao ingresso nas faculdades ou seminários. A influência suavizadora dos hábitos prolongou-se dos séculos e, ainda hoje, percebe-se o seu reflexo.

Desenvolvido comercialmente até certo ponto. As casas de negócios satisfaziam às necessidades dos consumidores. Eram três lojas de tecidos e miudezas, calçados e chapéus,

três mercearias ou casas de estivas, padaria e botica. O beneficiamento do algodão, ao tempo o produto básico da economia regional, se procedia numa bolandeira e, depois também, num maquinismo a vapor.

Neste panorama, porém, a Casa das Bolas era o ponto de referência, apesar de algumas residências ostentarem janelas venezianas envidraçadas, mas nenhuma tinha sôbre a platibanda ornato que imitasse ou superasse os efeitos das três bolas de vidro coloridos, refletindo a luminosidade dos astros, faiscantes nas horas caniculares, dando a impressão de estar diluida no ar prata pulverizada das noites de plenilunio. Por isto a residência do dr. Agdias da Costa Ramos, Juiz de Direito de Picuí, mas residindo na cidade natal, funcionava como verdadeiro monumento da atração turística e a denominação de Casa das Bolas, repontava de todos os lados, exprimindo a admiração e o enlêvo das almas simples.

São João do Cariri, nascida Travessa dos Quatro Caminhos, conhecida igualmente por Cariri de Fora, bem como por Milagres, antes de alcançar a predicação de Vila Real São João do Cariri, não adotara ainda o determinativo Cariri e era nos anos de transição dos séculos, uma centúria que mergulhava no limbo e a outra que repontava pletória do de promessas, a comunidade líder dos Cariris Velhos, condição que começava a sofrer a contestação da parte de outros centros urbanos da mesma zona e de maior desenvolvimento demográfico e econômico.

A imagem que esboçamos nos períodos anteriores, reflete a impressão visual que permanecem vivas nos subconscientes e ocorrem ao evocar aquêle ambiente e aquela época com suas criaturas e suas vivências despidas de formalismo moderno.

PONTO FLAMEJANTE NA PAISAGEM

O artesamento de couro alcançara perfeição máxima, praticado por artífices pacientes, na área dos Cariris Velhos, na época que antecedeu ao reinado jeep, período da história regional em que o cavalo e o jumento eram verdadeiros companheiros inseparáveis e leais do homem.

Admirávamos o trabalho do tio Florismundo, preparando o acolchoado das coronas com delicadezas de ourives, porque os seus trabalhos destacavam-se pela delicadeza do desenho e riquezas de imaginações. Era um artífice meticuloso e dotado de paciência evangélica superando-se, por outro lado, na perfeição dos trabalhos que cuja perícia parecia herdada dos mouros, na realidade o povo que melhor sabe valorizar os trabalhos naquele material.

Outro artigo de couro que desapareceu, foram as botas de montaria de longo cano rígido em sanfona para facilitar a locomoção. Nesse tipo de trabalho era o Belizário mestre consumado, porisso tinha sempre encomendas a executar, nem porisso faltava aos serões na nossa casa do "José Silva" que funcionava como o local de reunião das famílias da vizinhança.

Da nossa residência, alongando-se a vista, deparávamos, logo em frente, o antigo solar do capitão Antônio Salgado da Costa Ramos a se desfazer com seus alpendres arruinados, mas em perfeito estado a gangorra de fabricar farinha implantada no local onde existiu a senzala da fazenda. Pouco adiante ficava a casa que foi da tia Benedita, onde habitava o Belizário, com mulher e filhos e, transposto o

rio do "José da Silva", encontrava a casa caiada do velho Antônio Gurjão, que passava pela nossa porta, com destino a vila para as missas dos domingos, de bacorinha na cabeça grisalha e guarda-chuva negro sob o sovaco. Do lado nascente avistava o Carcará de tio Elpídio, logo a seguir, os detalhes das casas de Graciano e da velha Gertrudes, já em Capoeira, antes de se atingir o cafundó.

Ponta da Serra, apesar de situada perto e confiante, ficava encoberta pelo cordão de serrotes em que vicejavamos macambiras de pedras e assobiavam os moços irreverentes.

A casa do "José da Silva", acachapada, tendo à frente o mulungu flamejante no delírio foral, que atraía abelhas zumbedoras, pássaros canôros, incrivelmente, centenas de beija-flôr dos tipos de coloridos mais variados, que ninguém supunha existirem numa região onde as flores são raras, salvo as dos cactos eriçados de espinhos.

Nêsse meio vivia uma humanidade singularmente interessante, destacando-se o Belizário, sapateiro de profissão mas seresteiro por vocação. Tipo inteligente, bom conversador. desempenhava na comunidade o papel de cronista, relatando com segurança fatos contemporâneos e rememorando episódios do passado em vias de cairem no esquecimento.

Os temas das suas palestras ouviamos seduzidos pelo tecido dos acontecimentos que surdiam do desenvolvimento do reconto, era a política, os políticos senão, como para desenfastiar, o mergulho na espessa sedoal da geonelogia das principais famílias da região, encontrando em quase tôdas as ligações de sangue com os Costa Ramos, que era a sua estirpe visto ser casado com uma senhora que se assinava Cabral Ramos, não sabemos o porquê dêste Cabral.

Embevecido, ouvíamos seu descorrer pontilhado de gestos de apertar o nariz entre dois dedos, seguindo-se uma fungadela. Isto lhe era característico, de modo que pessoas maldosas interpretavam o gesto como meio de disfarçar as escorregadas na pista resvaladiça da mentira.

Durante o dia raramente o víamos, ocupado no interior da casa assinalada por três baraúnas plantadas a margem

do pátio, ocupado decerto, em bater a sola dos chinelos que fabricava para uma geração, ou moldando o material do cano da bota em fabricação, mas, à noite com o crepúsculo, chegava e, sentava-se, acendia o cigarro de palha e começava os comentários em tôrno das últimas notícias da política, vindas da Capital por intermédio de passageiros eventuais, suscitamente, ou lido nas gazetas, emitindo conceitos e juízos de absoluta sensatez, muitas vezes, constituindo antecipações do julgamento coletivo.

Devemo-lhe grande soma dos conhecimentos do passado da nossa gleba natal, que frequentemente evocamos nos nossos escritos, lamentando que boa parte dêsse material inestimável se tenha diluído da nossa memória, em virtude da pouca idade, nesta época que tínhamos, entretanto, presente na imagem da alma.

Belizário abandonou o "José da Silva", ante nós, transferindo-se para Patos, em consequência de profundo desgôsto familiar. Por lá faleceu sem jamais ter voltado a embeber o olhar nos campos revestidos de mufumbo resendente da terra natal.

Tôda vez que voltamos as vistas para essa quadra da nossa existência, tentando corporificar a São João do Cariri no último quartel do século passado e dos primeiros anos desta centúria, a sua imagem se projeta na tela da memória, personificando o contador de "estórias" que encheram de encanto a infância dos filhos daquelas plagas.

O RELÓGIO, O DIABO, ETC

Dentre as figuras que se atropelam no íntimo das minhas recordações destaca-se o vulto singular de "seu" Canuto Milonga, senhor das terras e da padaria da fazenda Santa Justina, que herdou do sogro com a mão de dona Corina de Farias, jovem mulher de olhar espantado e melenas escorridas sôbre um rosto comprido e inexpressivo.

Na herança compreendia a velha casa da fazenda, construída de pedras e a prova das enchentes do rio Caifaz, que lhe corria aos fundos, mas "seu" Canuto não quis habitá-la, preferindo construir outra, em local onde nunca tivesse habitado amancebado ou Nova Seita. Para isto saiu de ferro de cova em punho a cavar pequenos furos para verificar se não encontrava cacos de louça, indício de moradia anterior.

Casado com a prima Corina, logo vieram as filhas, três meninas numa sequência ininterrupta. A primeira casou-se com o sobrinho de estimação, contra a vontade dêste e a repulsa da noiva. As demais fugiram de casa para se casarem com "Cabras safados", porque a tirania paterna era famosa pelos requintos de maldade e as demonstrações de estupidez nata, se tornara verdadeiramente intolerável.

A vida nêsse lar dos Cariris Velho obedecia a uma estreita regulamentação, sobretudo depois que o italiano Miguel Pagano vendeu um relógio de parêde, que marcava horas e meias horas por meio de lúgubres badaladas.

Daí em diante, até mesmo a satisfação das necessidades fisiológicas tinha horários rigorosos assim como a aspiração

das pitadas de rapé, habitual tanto de dona Corina como de "seu" Canuto, obedeciam à tiranias do relógio.

A primeira filha de "seu" Canuto, casou-se, mas, momentos antes de receber a grinalda e o véu para se encaminhar ao altar, uma amiga, ex-namorada do noivo, lhes segredou longamente ao ouvido, envenenando a sua ingenuidade, do que dai resultou um episódio incrível.

Chegando a noiva à residência, enquanto o noivo se despedia dos acompanhantes acendeu grande fogueira, sentando-se junto, com o rosário rolando nos dedos a rezar à "Mannificat" como lhe fôra aconselhada pela amiga para exconjurar o demônio da carne. E a noite nupcial, se escoou nos esforços do noivo, tentando se aproximar da desposada e esta se afastando ao redor da coivara, que assim foi circulada inúmeras vezes, sem que a oração poderosa fôsse interrompida um instante sequer.

Contrastando com a religiosidade que manifestava a cada instante, "seu" Canuto cultivava a pornografia com verdadeira paixão, dando nome obsceno às pessoas e as coisas. A mulher e a filha chamava por uma palavra que ouvidos sensíveis não podem ouvir e elas, desde meninas, nunca foram tratadas doutra maneira.

A extrema religiosidade do "seu" Canuto aliava a paixão pela leitora do **Lunário de Prognósticos Perpétuos** para todos os Reinos e Províncias, traduzido pelo Valenciano, e mercê dessa leitura acreditava-se em condições de prognosticar chuvas e acontecimentos nefastos, embora o povo insistisse em dizê-lo macomunado com o diabo para prosperar acinsamento, como acontecia.

Sentindo-se a aproximação da morte reclamou do vigário a benzedeira da casa e do exorcista o trabalho de mandar embora os espíritos satânicos que a enfestavam, dissimulados nas sombras duvidosas dos recantos da camarinha, donde o diabo lhe acenava com riso sardônico.

A morte do "seu" Canuto, não foi chorada por pessoa alguma, salvo o magro cachorro que o adorava e manifestou a tristeza com longo concêrto de uivos quebrando a placidez das noites estivais e interpretados como convocação de todos demônios para formarem o cortejo fúnebre.

A TAREFA "DESASNAR"

Nunca será demais exaltar o papel que aos mestres-escola ambulantes foi atribuída na luta contra o analfabetismo das camadas da população radicadas nas áreas rurais, distantes portanto dos centros municipais, onde funcionavam, precàriamente, é verdade, as escassas unidades escolares do nível inicial.

No passado, pouco remoto, não se cogitava da alfabetização das massas rurais, por conta dos cofres públicos, se omitiam, sistemàticamente, transferindo as obrigações aos chefes de famílias, isolados e distantes das sedes comunais.

Era, então, usual, mal se encerrava o período das chuvas, impròpriamente, em muitos casos, apelidados de hibernal, se instalarem nas dependências da moradia dos fazendeiros abastados, escolas regidas por professôres prèviamente contratados a tantos por unidade, com direito a hospedagem e bom tratamento.

Durante um verão fomos alunos de uma escola dêsse tipo regido pelo tio Pedro, que na segunda-feira, pela manhã, chegava ao local do trabalho conduzindo-me à garupa da sua montaria. E, ficávamos até ao meio dia do sábado seguinte. Êle, hóspede do fazendeiro empregador e nós, de um vizinho daquela moradia, que era casado, sem filhos, mas criava interessante menina de cabelos louros e buliçosos olhos verdes.

Existia nas áreas interioranas vasto anedotário em tôrno das manifestações de ignorância dos professôres ambulantes, principalmente nos lugares onde a sua atuação se fêz sentir

vivamente. Entretanto, se não tivesse existido essa categoria de abnegados plasmadores das inteligências juvenis, ninguém teria possibilidade de avaliar a profundidade e extensão maléfica do analfabetismo das camadas jovens matutos.

Escuso-me de mencionar parte dêsse anedotário, para não faltar com o respeito a um mestre que na mediocridade dos seus conhecimentos influenciou na minha formação intelectual, sobretudo devido ao fato de ter sido, no decurso dêsse período escolar, que se reforçou o gôsto expontâneo pela leitura, que cedo se manifestava mal saindo da soletração silábica.

A escola referida tinha o corpo discente composto dos filhos dos fazendeiros, inclusive dois rapazes e uma mocinha ainda inteiramente jejunos de segredos do alfabeto. A dona da casa, alimentava esquisito gôsto pelas aventuras da cavalaria antiga. Possui um exemplar da **História do Imperador Carlos e dos Doze Pares da França,** que me pediu para ler após a execução, dos deveres escolares.

Em verdade, a minha leitura era pontilhada de silabadas e os nomes vulgares horrìvelmente estropeados. Mas assim mesmo o seu deleito era evidente e ia me despertando o gôsto pela leitura de modo que do meio para o fim, comungávamos no mesmo entusiasmo pela proeza incrível de Oliveiras e Roldão, cujas espadas pareciam animadas pelo espírito da destruição, tal a chacina inconcebível que produziam nas hostes turcas, que, na verdade, era apenas maometanos instalados na Espanha.

Padecia, então, de estranha curiosidade, parecendo que o papel impresso me fascinava, porisso desde muito cêdo não perdia a oportunidade de passar as vistas curiosas pelos textos, que porventura me caíam às mãos.

E a fazendeira do Salgadinho, contribuiu para aguçar essa sêde insopidável.

Na verdade, o deleite era recíproco, porque também comecei a ligar os pontos da história antiga que desconhecia totalmente o papel cristalizador dos Paladinos, famosos. A

História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, funcionou como a chave que abria o portão de um mundo maravilhoso, onde mais tarde perpassavam as sombras luminosas de Renan, Voltaire e modernamente o insuperável Anátole France, os espíritos que cederam algo da sua substância para a formação das minhas concepções e fisiológicas da história da humanidade.

ATROPELOS DO TAUMATURGO

O regimento de custa aplicado aos milagres prodigalizados pela intercessão dos santos famosos, especialmente Santo Antônio, o patrono dos Namorados, necessita um reajustamento, para a devida correção das taxas, enquadrando-se nos níveis monetários modernos, visto que, tanto as meias patacas quanto o clássico vintém, moedas usadas para essas retribuições, perdera o valor mesmo no Paraíso, se é que naquelas plagas se admite a influência monetária dos mortais.

A modéstia do estupêndio não concorria, outrora para que aquêle Taumaturgo negligenciasse no cumprimento das promessas das devotas, sobretudo, quando elas estavam na idade de casar, mas a crescente desvalorização da moeda, certamente influencia a conduta do Santo Casamenteiro, levando-o a prestar pouca ou nenhuma atenção aos apelos veementes das suas devotas.

Houve noutros tempos alguns episódios singulares que cumpre rememorar, dado que representaram flagrante descrédito do santo, principalmente sob o ponto de vista de prestígio e do respeito inerente às divindades.

Assim é que, certa moça dos lados do Alagamar, lançando as vistas sôbre viúvo fresco, empenhou-se junto a Santo Antônio para pescá-lo para marido, depositando como sinal, a clássica moeda de vintém junto ao pedestral da Sacra Estatueta. O milagre não se operou, porque o viúvo am-

bicionado, afastou-se do meio e quando regressou trazia na bagagem jovem espôsa, adquirida por onde andou.

O desencanto não ficou sem o devido revide. A imagem de Santo Antônio foi agarrada por mãos raivosas e mergulhada no pote de água da cazinha, safando-se da situação humilhante sòmente quando se procedia a faxina semanal, para a lavagem dos depósitos de água a fim de remover o lôdo acumulado.

Esse exemplo encontrou seguidora: outra jovem ansiosa para sair do estado de solteira, moradora para lá de A'gua Fria, alimentou o desejo de casar-se com abastado fazendeiro das vizinhanças. E os serviços de Santo Antônio foram contratados pelo vintém do costume. Mas o Santo negligenciou, mas uma vez visto que o rapaz surpreendeu a todos indo se casar com a antiga namorada de lugar distante. Também a decepção da devota não ficou sem vingança bem feminina desta vez, ainda mais humilhante, pois que consistiu no costuramento na barra da saia do vestido caseiro, de modo que se arrastava pelo chão a cada passo da jovem e sòmente quando essa peça de vestuário foi enviada a lavadeira, foi que esta deparou com o santo, encabulado, coberto de cisco e todo cheio de arranhões, despertando a sua comiseração.

Entretanto, os atropelos do Taumaturgo, tinham outras origens, como as manobras dos pedintes de chuvas era arrancado do aconchêgo do oratório e levado, secretamente, para outro pouso distante, do qual conseguia se libertar quando S. Pedro, condoído dos seus atropelos e humilhações, aquiescia na abertura das comportas do céu para a água jorrar sôbre a terra requeimada pelos sóis nordestinos.

O destêrro encerrava-se então. Longas procissões, colocando pelas veredas marginadas de macambirais, desenrolava-se sob a luz das tochas de facheiros as lanternas papel dentro das quais oscilava a luz tíbia das pequenas velas de céra de carnaúba de pataca e meia dúzia. Vozes devotas

cantavam as intermináveis Incelências, indo repercutir nas quebradas das serras, despertando os tetéus do seu cochichar sob um pé só.

Constituía, sem dúvida, impressionante espetáculo da religiosidade simples do povo, como nítida caraterística folclorica.

Santo Antônio não está mais sujeito a êstes atropelos, mesmo porque as chuvas são provocadas pela pulverização de produtos químicos lançado de bordo de aviões em vôos razantes, e a carteira casamenteira suspendeu as operações, aguardando, decerto, a novo regimento de custos, uma vez que seria uma indecência retribuir com moedas que não correm nem para pagar os serviços ao barqueiro Charonte, onde também chegaram os reflexos do aviltamento das moedas dos homens.

O COTEJO

Estranho era o conflito de competência que paralizava o destacamento policial da minha Vila, tôda vez que ocorria fatos reclamando a presença da autoridade, fôsse para exercer ação preventiva ou simplesmente para reprimir conflitos de maior ou de menos vulto, de modo que quando o contingente se deslocava o crime já se consumara, ou então, os delinquentes se achavam fora do alcance da tardia e tímida expedição.

Constituído, estranhamente, de três graduados no mesmo posto de milícia, era trabalheira apurar a qual competia o comando das deligências, que, no entanto, só se locomoviam após a adição de alguns "**notificados**", para engrossar o contingente e instilar coragem no ânimo vacilante dos milicianos, visto que os civis incorporados à tropa pertenciam a classe dos indivíduos considerados os mais valentes da comunidade, os quais se atribuiam proesas e atos de bravura beirando à temeridade.

A dificuldade da determinação do sargento que devia comandar os outros dois, residia na circunstância das promoções à êsse pôsto coincidirem em data, embora a publicação no "**Boletim**" do quartel, tenha diversificação a divulgação. Em tôrno dessas divergências se geravam incidentes pitorescos, que glosados nos círculos onde não vermelhava uma calça garante, principalmente porque um dos graduados alegava sempre a sua condição de ex-aluno da Escola Militar e ex-sargento do quartel-mestre da unidade da linha [illegible] na Capital, posto que perdera em razão de que[illegible] residindo familiares radicados nas terras de Alma-

dra. A prova material dêsse passado consistia na posse de uma "Banda" dourada com grossas borlas imitando ouro, que deslumbrava quando tocada pelo raio do sol.

A certa altura dos acontecimentos, chegou à vila um alferes recém-nomeado, para o posto, a fim de visitar familiares e assistir a tradicional festa da Padroeira, considerada como perdularizadora de milagres. O nóvel oficial mandara confeccionar às pressas, farda de gala da milícia, antes mesmo de providenciar os uniformes de serviço, o que seria fácil uma vez que nos baús dos missangueiros italianos das ruas da Ponte e da Estrada Nova, o que não faltava eram peças de fardamento para fantasiar vários oficiais, pois a manobra conhecida na gíria de caserna como "desapertar", funcionava naquele tempo com maior potencialidade que a observada em nossos dias.

Ao chegar o dia da festa, com a velha matriz resplendente de luzes e ressoando os cânticos de côro de vozes juvenis. O alferes irrompeu pelo templo a dentro invergando o uniforme branco e ouro, executando caprichosas evoluções com o rebenque de cabo de prata, que era peça complementar do fardamento, e foi se postar ao lado do Altar-Mór, em ponto onde se oferecia a contemplação embevecida do mulherio, sôbre as quais o fascínio da farda fazia parte das fraquezas do sexo. Das platinas e das juntas das peças desprendiam-se reflexos dourados que cegava a assistência. O sucesso do policial podia se comparar ao êxito que corôa as apresentações no palco das grandes verdetas das músicas brejeiras.

Mas teve duração efêmera, para o desapontamento do oficial, pois um dos sargentos, que mencionado atrás, cismou de pregar uma peça para aguar o êxito do superior, e na tardinha daquele mesmo dia, ao começar o Te-Deum, após o recolhimento da procissão, atravessou a nave do templo em passos marciais, indo se perfilar no outro lado do Altar-Mór. Envergava farda verde-gáio, constante de fraque, calça vermelha, com listras douradas e a tiracolo a "banda" os dourados faiscando a luz das velas, completando o

fardamento, o espadim dourado de Cadête da Escola Militar, pendente de corrente áurea. O garbo e compustura do sargento indicava que o uso daquele fardamento lhe era familiar, tanto que as peças se ajustava como luva ao seu torax e as calças aderiam as pernas bem torneadas de ginasta. Antes do encerramento da cerimônia religiosa, retirou-se através da sacristia. Em caso despiu o uniforme espetacular e vestiu o fardamento miliciano, calça garance com duas listras pretas, curta túnica de brim pardo e no alto da cabêça e gorro de dois bicos enfeitado de bolotas de fios pretos. Postou-se à janela para apreciar o escoamento dos fiéis que se retiravam da matriz após o Te-Deum e o sermão, trocando sorrisos irônicos com as pessoas da maior intimidade.

Impossível descrever a consternação do Alferes e a sua raiva pela atitude do sargento, que capitulou como evidente e propositado desrespeito aos seus galões, mas sendo jejuno nas coisas de militança, receando dar uma "cabeçada", decidiu renunciar à licença e retornar ao quartel, para consultar. Aí chegando, procurou um veterano da Guerra do Paraguay, que enchia os vazios da reforma com o trabalho de colecionar estampas representando os tipos de fardamentos de todos os exércitos e organizações militares do mundo. Dêle ouviu que o fardamento exibido pelo sargento fôra usado pelos cadêtes da Escola Naval, caindo em desuso desde vários anos mas era fácil adquirí-lo em qualquer negociante de roupas usadas do bairro da Lapa, no Rio.

De posse dêsse esclarecimento preciso o Alferes apresentou "parte" contra o sargento. O documento percorreu os canais competentes e quando desaguou na banca do Comandante, o incriminado já não pertencia a milícia, visto ter ingressado no quadro dos serventuários da Justiça, pela mão protetôra do Juiz de Direito Chefe-local, então no apogeu do prestígio político.

O fardamento que provocou o incidente daí em diante saía da obscuridade da mochila miliciana nos dias do carna-

val para fantasiar foliões que compareciam aos bailes momescos.

Com o correr dos anos, as lavagens, os estragos e ação do tempo, comeram as côres berrantes, perdendo assim o brilho, a flexibilidade o tecido, de modo que se converteu num trapo sem padronagem, indefinida.

A última vez que êsse uniforme digno das vitrines de museu apareceu aos olhos dos habitantes de minha Vila foi envolvendo o busto mirrado de um boneco de capim, num sábado de aleluia. Estava desfiado nos punhos e nas bôcas da calça, os galões haviam enferrujados e a fazenda se desfazia aos golpes dos cacêtes vingadores do mulecório em

RAPTOS EM DUAS ÉPOCAS

O tropel da cavalgata estraçalhou o silêncio da noite fria e brumosa, despertando o dono da casa, que dormia suspeitoso de que algo estava acontecendo a sua filha, a quem negara o consentimento para casar com o rapaz da sua escolha. Estremunhado, correu a janela sôbre o alpendre e, apenas vislumbrou tênue camada de poeira embaçando a luminosidade piscante das estrêlas matutinas.

Raivoso, brado despertou familiares e apaniguados, que correram aos cavalos, encetando furiosa perseguição dos fugitivos que, por sua vez se esforçava desesperadamente, para se distanciarem o mais possível. A rapidez da perseguição venceu a diferença da distância, mas chocou-se com a barreira de três clavinotes prontos a jorrar a morte pelas suas bocarras enferrujadas, travando-se então o tiroteio e, a se esgarçar as nuvens de fumo, restavam no campo da luta mortos e feridos, enquanto dos bacamarteiros a serviço do raptor, dois gravemente feridos ainda empunhavam a arma fumegante, e o terceiro jazia imobilizado pela morte. A luta cessou por falta de combatentes em face da mútua destruição impondo-se, ùnicamente, enterrar os mortos e pensar nos feridos. Enquanto isto, os noivos se distanciavam, alcançando a fazenda escolhida para o recatado depósito da raptada, a fim de aguardar o dia do casamento.

Isto não constitui fantasia de espírito vadio, mas a evocação de um quadro dos costumes sertanejos nos séculos passados, quando as moças raramente, ou apenas por mero acaso, se consorciavam com o eleito dos seus corações, visto que a escolha constituía um dos direitos inpostergíveis dos

ceus pais, criando situações aberrantes como a de uma jovem no verdor dos anos, ser dada para a mulher de um valutidinário, mas recheiado de patações.

A necessidade de proteção dessas aventuras propiciou a existência dos bacamarteiros, prontos a alugar a cobertura armada a raptos considerados suscetíveis de provocar reações violentas.

O costume, pleno cavalheirismo, saiu do uso, escorraçado pelas condições da sociedade moderna, mas permanecem como páginas como afirmação da personalidade. O relato acima, bem como vários outros da mesma natureza, ouvimos dos lábios de velho descendente de africanos, ainda esbelto, bigodeiras brancas, na sua casinha, a do subúrbio onde se avistava os túmulos dos Cemitérios, alvejando na várzea da margem do rio Namorado e no anfiteatro de morros pedregosos e alvejar da casaria vilarenga.

A poesia popular, refletindo a alma do povo, cantou em décimas sonolentas e poemas de ritmo claudicante, os raptos mais famosos, precisamente devido as tragédias que deram lugar. E as tradições os rememoram, ainda em um tom de saudade, do tempo que não voltará jamais.

O galo, que se considera a ave dos francêses, pela vistuosidade da aparência, ímpeto das atitudes e coragens expontâneas, tinha papel predominante no fracasso dos raptores de moça. O seu canto melodioso, em compasso com a estridência do aviso dos Tetéus, essas andormitas sentinelas das noites dos Cariris Velhos, evitou inúmeras vezes a consumação de fugas preparadas e ansiosamente aguardadas como uma libertação.

Êsses episódios do romantismo e bravura, não ocorreram mais, entretanto, seus detalhes ainda permanecem na memória dos simples ouvintes das aventuras. O rapto de mulheres seria uma incongurência no momento, em que elas se encontravam vestidas ou semi-despidas, ou simplesmente vestidas com a roupa que Deus lhes deu, nos lugares públicos, boates, praças, praias e balneários, num constante desafio à varonilidade masculina, correndo êsse elemento o

risco de ser raptado para renunciarem um celibato injustificável.

Aliás, o rapto nunca perdeu a sua atualidade. Apenas tem mudado de objetivo. No momento êle se exercita sôbre diplomatas descuidados e aviões de passagenros desprotegidos.

Apenas não se tem como objetivo a posse da mulher, que não mais exige ações heróicas, para o seu domínio, segundo os pessimistas observadores da vida moderna.

EPISÓDIOS FORA DA ROTINA

1 — Correr o vício

Os habitantes do lugar acreditavam em lobishomens mas não muito, visto que certas coincidências concorreram para o descrédito do fenômeno. E "seu" Caetano, dono de um sitioca e genitor de cinco jovens exuberantes de feminilidades, não participava do conceito dos seus vizinhos, mas, forçando o raciocínio ronceiro, no momento em que lhe restava apenas uma filha na condição de virgem, a Firmina, um estouro de morena côr de canela, modificou o ponto de vista precedente, principalmente, em face das notícias a respeito do lobishomen do ano.

Naquela área operavam as mulas sem cabeças, que tinham como campo exclusivo as zonas urbanas, em que existisse um pároco ou padre de qualquer outra categoria. Mas os lobishomens apareciam, com regularidades das estações solísticios e equinóxios.

Na lagôa escurinha, sitio do "seu" Caetano, sua cara metade dona Cosma, padecia do complexo do lobishomem, mesmo considerando a estranha coincidência do aparecimento com a gravidez das filhas, que eram casadas com rapazes das redondezas, depois de ter nascido um bastardo no lar outrora honrado e respeitado do "seu" Caetano da Lagôa Escurinha, homem em tempo que um fio de bigode funcionava como instrumento de compromisso monetário.

Desta vez, o anúncio que ia aparecer um lobishomem, suscitou da sua parte longas meditações, deitado na rêde

acionado com os dedos do pé em contacto com a parede, para produzir o movimento de ir e vir, propício do desatamento das inteligências e chegar as conclusões inesperadas. Em resultado dessas meditações o velho clavinote, herança avoenga foi escorvado, carregado e sôbre a última bucha de caroá. colocando um pedaço de chifre de viado e uma balinha de prata, que são os únicos projéteis com poder para penetrar a massa incorpórea formada pelo lobishomem em deslocamento acelerado.

E, após se terem recolhido tôdas as pessoas da casa, seu Caetano abriu a porta sorrateira e entocaiou-se à sombra da touceira de bananeira da margem do terreiro. Grande já era o alarido dos cães da vizinhanças e indicando a direção tomada pelo lobishomem. Arma em punho, com pedra nova e a caçoleta escorvada. Destacou-se o vulto "seu" Caetano pressionou o gatilho reboando pelas alquebradas o monstruoso estampido. Antes de desfazer a fumarada, dentro dela, ergue-se o grito apavorado.

— Quer matar seu sobrinho, meu tio?

Despido da indumentária apropriada ,o rapaz surgiu à luz das estrêlas e do entendimento havido então, resultou ter se casado a primeira das cinco filhas do "seu" Caetano, de véu e grinalda de flôres de laranjeiras.

II — O Mico e a Pólvora

Desenvolvia-se à margem da lagôa, a rua denominada do Meio, cujo renque de casas abrigava variadas oficinas artesanais, destacando-se pelo número e atividades os mestres pirotécnicos, impregnando o ambiente com a emanação da pólvora dos demais ingredientes químicos, matéria prima dos foguetes e das bombas.

De vez enquanto ocorria uma explosão de efeitos fatais. Às vezes verificava-se acidentes com aprendizes ocupados, ativamente, na preparação das massas explosivas, que se inflamavam, sùbitamente, jogando para os ares casas e pessoas.

De um dêstes acidentes, foi vítima o artífice ocupado na mistura dos ingredientes das bombas transvalinas, o qual perdeu tôda a roupa que foi arrancada com a pele ao corpo. Meses passados no hospital evitaram que sucumbisse aos feridos, mas ao regressar, após a alta, usando óculos pretos a epiderme reluzia como o corpo das cobras depois da mudança da pele, porisso foi objeto de cruéis pilhérias, forçando a se manter sem sair à rua, durante o dia, até readquirir a pigmentação normal.

Nesta rua, em frente a tenda de um dos fogueteiros existia frondoso mariseiro e acorrentado à árvore irrequieto macaco, objeto da admiração do molecário, que cooperavam com o aumento dos seus repertórios de gestos obcenos e lhes transmitiram o vício tabagista. O dono do animal se exasperava com o ajuntamento de menores, usando um chicote para afugentá-los, um deles ideou uma vingança para ficar na memória dos contemporâneos o pasmar a posteridade.

Certo dia, na hira que o dono do símio, encontrava-se a mesa do almoço, chegou-se ao marizeiro conduzindo um pacote de pólvora, que despejou no chão formado montículo próximo ao macaco e, afastando-se um pouco, acendeu o cigarro tirando profunda tragada, passando em seguida ao animal que gulosamente colocou nos lábios começando a tragar fumaças. O menino, apontou o montículo de pólvora disparando a correr.

O simão pensou um pouco, tirando outra tragada, mas, enfim, atinou com o significado do gesto e jogou a bagana acêsa sôbre o montículo do explosivo. Não teve a oportunidade de saber o resultado da sua imprudência, porque voou despedaçado juntamente com galhos de árvores e a parte da frente da casa.

Enquanto isso o menor corria velozmente, para se abrigar sob a ponte para se resguardar dos cacos de telhas, pedaços do corpo cabeludo do macaco bem como, dos restos da árvore, que após descrever uma curva, começava a cair sôbre a rua e as pessoas, incautas que não

se abrigaram a tempo.

Outro dia passamos por êsse local. A rua do Meio urbanizou-se não restando o menor vestígio do marizeiro, mas o protagonista do acidente vive naquele meio. Hoje amadurecido que, decerto, no momento de rememoração das arterices infantis, deve repontar do fundo da memória o quadro que esboçamos.

III — O Morto que não era

Outra "estória" lendária dos Cariris Velhos teria ocorrido no ano do segundo cólera-morbus.

Na época não havia ainda os cemitérios públicos, sendo dentro das igrejas onde se sepultavam os mortos.

Certo morboso "faleceu" longe da vila e dois robustos "compadres" foram convocados para o transporte do "defunto" a fim de apodrecer sob o tecto da igreja de N. S. dos Milagres.

Rompia o dia. A fome apertou e os carregadores, após bôas léguas de marcha, depositaram a rêde fúnebre entre duas árvores e trataram de preparar um almôço de carne assada.

Improvisada a fogueira, sôbre as brasas, posto a espêto começou a se desprender o perfume que despertando a pituitária, acordou da letargia.

Sentando-se na rêde, embora estranhando a situação, reconheceu os dois compadres e exclamou:

"Compadres também quero almoçar".

Os compadres não se detiveram em considerar a extranheza do fato. Dispararam em desabalada carreira.

O defunto não teve dúvidas, almoçou e retirando a rêde do pau, pôs sôbre os ombros e em passos medidos regressou à casa para pegar o jantar familiar.

O "PURGATÓRIO" DAS IGREJAS

Antigos livros religiosos eram enriquecidos de numerosas estampadas terrificantes, representante a imagem, por demais realísticas, daquele que convencionalmente chamavam de Inferno chamejante, onde Satanaz, agindo como executor da justiça divina, tridente rubro em punho, tocava as recalcitrantes almas de réprobos para as fornalhas crepitantes, que enrubeciam o ambiente fuliginoso.

Nessa curiosidade infantil impeliu-nos certa vez, para folhear um dêsses grossos volumes impressos em tipos graudos, intercalando-se na matéria desenhos ilustrativos, como se costuma fazer modernamente com as reportagens sensacionais que os jornais publicam, mas o objetivo dêsse intercalamento era despertar a repulsa ao pecado com a intimidação, evidente dos espíritos vacilantes nos sentimentos religiosos.

Espírito impressionável, já numa ocasião vítima da alucinação provocada por demorada visita ao Cemitério local, onde ficamos tôda uma manhã lendo as lápides dos túmulos, cujos dizeres nos ficaram gravados obcessivamente, na mente. À noite tivemos um sono tormentoso, tendo acordado e alarmado nossos pais, com gritos de pavor, visto que tivemos a impressão da presença de um dos defuntos daqueles túmulos, dedo em riste a nos reprovar por não termos cumprido a recommedação de rezar três padre-Nossos na sua intenção.

As estampas do livro referido inspiraram a composição dos quadros de igrejas, e era objetos de cuidados especiais dos párocos, esperançosos que produzissem efeitos

favoráveis ao repúdio ao pecado, aproximando os povos da Igreja mais que era de costume.

Constituiam um quadro de madeira povoados de esculturas, destacando-se **Satanaz** num ambiente rubro, iluminado pelas chamas que ardiam ao fundo, povoados de vultos humanos a se debaterem em atitudes de desespêro, braços ao alto, bôcas vociferantes, esgares de desespêro. Enquanto o Senhor dêsses domínios desenvolvia atividades arrastando pelos cabelos outras vítimas. O objetivo era encher de pavor as almas dos vivos, mostrando as tétricas perspectivas, visto que tudo concorria para dar impressão alucinante, impedindo os espíritos crédulos, mergulhados na ignorância, à meditação acêrca da eternidade os impressionáveis a exemplo de nós na fase infantil da existência que, ingênuamente emprestavam cunho de verdade a qualquer patranho.

A primeira vez, menino ainda, que fomos levados pela mão de uma tia para visitar a antiga matriz de Campina Grande, encontramos Monsenhor Sales, rubro de indignação, a vituperar o sacristão por ter deixado perder-se uma unha de Satanaz do Purgatório que se encontrava colocada logo à entrada do Templo, gritando enraivecido "Quero a Unha do Diabo", em tom que repercutia pela ampla nave, aumentando a ressonância da sua acústica.

Também na antiga capela da atual cidade de Gurjão, vimos, mais ou menos na mesma época, idêntica representação do **Reino das Trevas**, mas não se encontra mais naquela igreja, removido, certamente, por sacerdote esclarecido. Entretanto, deparamos com uma réplica na Casa Paroquial da cidade de Serra Branca, desfalcada de várias das suas figuras, que seria restaurada a fim de concorrer para a formação das coleções de objetos do Museu Regional, em perspectiva.

Relembramos os nossos encontros anteriores, mas sem a emoção que nos empolgava na meninice, diante das imagens da implacável cólera divina, porque outras eram circunstâncias e já não vivemos sob a influência das estórias

de assombrações, penas infernais e outras fantasias arquitetadas para impressionar as inteligências primárias, que tantas vezes, ouvíramos nas noites frias dos Cariris Velhos.

O Museu do Estado, crismado de SACRO devia deligenciar a incorporação ao quadro em aprêço, para fazer PEDANT, com o Cristo trágico que lá se encontra e com o qual nos reencontramos recentemente, conforme relatamos anteriormente.

Sem dúvida, não será o único remanescente de uma época de fanatismo e obscuridade religioso o espécime que vimos em Serra Branca. E seria interessante uma pesquisa a respeito para salvaguardar da destruição tão eloquente documento de um passado vinculado à nossa própria existência de povo cristão.

ALTARES E NICHOS

A guerra contra as imagens santas assinalou turbulento período da existência da Igreja de Cristo, ameaçando de destruição as tradições culturais em fase de consolidação. Concílios tumultuosos debateram o problema, sem que as suas deliberações conseguissem adesão unânime dos crentes. Prevaleceu, entretanto, a corrente favorável à representação material da divindade e seus eleitos, destacando-se no campo oposto dos iconoclastas levando de roldão os belos altares e nichos venerados, que nas Igrejas eram ocupados pelas esculturas sacras.

Os ricos altares, refulgindo de dourados, relicários da arquitetura sacra, do cunho artístico, estão sendo demolidos convertendo-se em pé, aos golpes desferidos por pulsos vigorosos dos assalariados.

Constituem respeitáveis pela ansiedade e pelos que representavam documentos tangíveis da religiosidade do povo, as igrejas centenárias, se transformavam em recintos nus de ornamentação, imitando os locais do culto calvinista.

A onda da modernização se espalha pelo interior afora, assim, nos deparamos com a velha igreja de N. S. dos Milagres onde pela primeira vez nossos lábios infantis balbuciaram uma prece a Deus, desprovida dos seus maravilhosos altares e as belas imagens alinhadas ao longo das naves, sôbre suportes de alvenarias, expostos a poeira e aos insultos e irreverências dos insetos.

Anos atrás, amputaram a rica Capela do Sacramento, inspiração mística do educador Dr. Francisco Aprígio de Vasconcelos Brandão, no qual nos primeiros anos dêste

século foi colocada a imagem do Sagrado Coração de Jesus, adquirida em Roma, por iniciativa da senhorita Belmira da Costa Ramos, acontecimento de larga repercussão na região.

Revendo o velho templo, demorando na contemplação das suas imagens, esculturas perfeitas, operou-se o renascimento das impressões da puerícia, o encontro com essas estatuetas sagradas, evocou, mais um período da nossa cidade natal, na época que seu culto começava a se universalizar.

Nascera o século, saudado pelas festividades populares e baile da elite local. Nêsse período chegou a Roma a referida imagem, gerando-se uma crise de âmbito Municipal, visto que relações da família do Dr. Elias Ramos, genitor da piedosa jovem, com o vigário, inexistiam, devido motivo de ordem política, de forma que repontou o problema da construção do altar e da bênção, de vez que o pároco se recusou a consentir que outro sacerdote se incumbisse dessas tarefas. A capela do Santíssimo Sacramento foi o local indicado para a instalação da bela escultura, necessitando a alguns trabalhos de adaptação, visto que nela não existia qualquer imagem.

A situação perdurou, tendo sido solucionado com intervenção do bispo D. Adauto, solicitado pelo Dr. Chateaubriand Bandeira de Melo. A autorização do prelado saiu acompanhada a designação do padre Mindelo da Cruz, a fim de transportar a São João do Cariri e dirigir todos os atos até a consagração do altar.

Entretanto, o padre Mindelo da Cruz, não foi hóspede do vigário que, então, residia, com a companheira e filhos, a fazenda a pouca distância da cidade. Comentários ferveram, perversos e maledicentes não cessando nem depois da intronização da imagem e escoados os dias de festas comemorativos, animados pelos estrépidos de uma banda de música, pródiga a rasgar metais e dissonâncias instrumentais.

Como praxe o acontecimento foi objeto de comentários ainda durante vários anos seguidos.

Deparamos a imagem com seu olhar toldado de tristezas comovedoras, incorporados às demais ao longo das naves, sôbre rústicos suportes de alvenaria. E demoramos, como nunca aconteceu, o olhar embebido à beleza daquelas esculturas religiosas, que em parte alguma haverá mais empolgante pela perfeição das linhas e suavidades dos olhares refletindo êxtases da alma: a padroeira N. Senhora dos Milagres também perdeu seu trono no altar central, que não existe. Suas esculturas do melhor nível artístico e seria uma pena que se dispensassem, visto que sôbre elas paira a ameaça permanente dos antiquários gananciosos e despidos de sentimentalidade.

São João do Cariri, não deve permitir entretanto, que seja privada do patrimônio religioso e artístico, representado pelas imagens antigas do seu tesouro será salvaguardado de qualquer forma, mas o seu tombamento pelo patrimônio Histórico e Artístico Nacional eliminaria qualquer dúvida

TRAGÉDIA DO ZEFERINO

Plantado no aceiro do páteo da casa do "José da Silva", erguia-se a casinha de taipa, habitada por "siá" Manuela do Santíssimo Sacramento e cinco sobrinhos órfãos. Estranho era o tipo dessa mulher cerirense. Exercia as atividades mais dispares. Lavadeira, de profissão. Parteira, nas emergências. Caçadora noturna por necessidade. Expontânea enfermeira de doentes desenganados dos médicos e dos curandeiros. Organisadora por gôsto e vocação, dos velórios aos defuntos frescos, pontilhados de terços eiciados pelos lábios das mulheres mas entrecortados de risos em surdinas, vindos do alpendre, onde se reuniam os homens, mergulhados nas conversações, deglutindo de aguardente, a relatarem casos acontecidos nos quais a mulher do próximo era o elemento principal, tudo em tom de segredo, para não escandalizar a alma do morto que rondava o cadáver enquanto não baixava a sepultura na terra sagrada do cemitério da Vila.

Era dedicada enfermeira dos agonisantes, assistindo-os com rezas e confortando-os para enfrentarem o transe final da vida. Cuidava, então do asseio do cadáver e de o amortalhar, para a exposição no "copiar", para esperar a hora de ser pôsto na rêde, a fim de fazer a última trajetória terrena, caminho da sepultura.

O velório valia para "siá" Manuela como momento culminante das atividades mortuárias, suplantado sòmente pelo sádico prazer de contar "estórias" de assombrações das beiras das estradas e das velhas casas convertidas em

taperas, gosando com os sinais de pânico irrompendo da alma dos infantis ouvintes.

Tudo na vida dessa mulher tinha toques de singularidades. O marido, Chico Cabôclo, virtuoso do pifano, sumia-se durante anos, reaparecendo sùbitamente, para ver as coisas como corriam e, após alguns dias, aproveitava o sono noturno da esposa, para desarmar a rêde, formar o malote e reatar a caminhada ritimada ao estalar das alpercatas, rumo aos brejos, onde tinha um encosto de pucaro e camrinha, como diziam os portuguêses daqueles séculos, Entretanto, reaparecia, quando ninguém mais o supunha vivo, para repetir a mesma fuga, depois de deleitar os visinhos com a execução das últimas criações das músicas de dança.

A rotina dos dias de "siá" Manuela foi rompida bruscamente, certa manhã friorenta de junho, com a chegada da sobrinha que acompanhara a irmã casada com Zeferino Bodeiro, da Malhada da Roça. Menina, quase impúbere, chorando contou ter sido violentada pelo cunhado, e rogava vingança.

Num impulso insopitável, "siá" Manuela chamou o sobrinho Xicó, que tinha os olhos atravessado, pior que os japoneses, de modo que nunca se atinava com a direção dos seus olhares, e se notarem para a Malhada de Roça, onde encontraram o bodeiro, sob a latada da casa, ocupado na preparação da carne sêca de caprino ,par vender no mercdo segunda-feira, na Vila.

Sem nada exprobar nem pedir explicações, cairam sôbre êle e, rapidamente a emascularem, usando o barbaro e doloroso processo do macête, ainda praticado sòmente para a castração de bovinos anosos.

Os gritos da vítima despertou da madorra em que mergulhara o "seu" Geronço, o brabo inspector de quarteirão, que, vislumbrando a figura da comadre Manuela a se distanciar, deixou passar alguns minutos a fim de dar mais tempo a sua fuga, para então, socorrer o jurisdicionado e

conduzi-lo no dorso de um jumento, a presença do delegado de polícia, que pairava alí por perto.

A autoridade ouviu, displicentemente, o relato. E ao concluir êste, respondeu, irônico:

— A "estória" não é verdadeira "seu" Geronço, porque "siá" Manuela partiu antes do sol nascer para caçar mocós no Sêrrote Branco e, se prestar bem a atenção, ouvirá o éco dos tiros da espingarda. Enquanto o Xicó, é um menor, irresponsável, portanto...

E o Zeferino Bodeiro, engordou, depois disso, ficando inteiramente pelado, servindo de alvo da risota das mulheres do Estreito, mas, continuou a comerciar com a carne dos caprinos na feira semanal da Vila.

II — PARTE

ACHAMENTO

O vocábulo não foi tomado de empréstimo a Guimarães Rosa, porque é lusitano da era dos Quinhentos, tendo sido usado pelo Venturoso D. Manuel, no texto da comunicação feita aos soberanos da Europa, anunciando o "Achamento" do Brasil, por Pedro Álvares Cabral. Mas, passemos ao que importa.

A medida das cousas mensuradas pelos olhares infantis, tende para o gigantismo. Árvores são enxergadas em proporções gigantescas. Ondulações do solo, assumem o corpo de colinas alcantiladas. As longitudes se confundem com o infinito. As distâncias se dilatam, marcando novos e extensos horizontes, mas essas faculdades visuais fascinados vai minguando até as medidas justas, com o perpassar dos anos

A imagem dos lugares onde se embeberam os olhares infantis, perdura na retina sem distorsões para ser afastada, quando o amadurecimento da mentalidade esboçar nova moldura para os objetos e as coisas. Guardamos, no relicário da memória recordações infantis do vulto arbóreo do umbuzeiro, plantado num baixio, sob cuja copa fazíamos pequeniques no período róseo da vida. Tínhamos a impressão de tratar-se de uma árvore gigantesca, cujas ramagens recobriria grande área.

Encontramos, ao cabo de meio século, ou reencontramos essa árvore, mas nem de longe corresponde a imagem que retínhamos na memória. Sua fronde destacava-se do solo como pequenos pontos verdes, pouco mais vasto que sombrinha de [illegible]. De mesma maneira as ondulações do

solo, o serrote que alvejava no fundo da paisagem, perdera a imponência reduzindo-se a sua pequenez natural, porque vistas por olhares adultos, habituados às silhuetas gigantescas das serranias e dos panoramas das grandes formações graníticas de vários lugares dêste Estado, adquiriu imunidade ao deslumbramento nos reencontros, com característica de **aglhamento**, entretanto, nem sempre destroi uma recordação carinhosamente conservada, a exemplo do que se operou no Museu do Estado, instalado no Convento Franciscano, onde numa destas tardes nós deparamos com uma imagem do Crucificado, abrindo a ala das esculturas sacras, que aviou um episódio ocorrido nos idos de 1916. Certa noite de eclipse da iluminação, vislumbramos, ao nos aproximar da então igreja do Bom Jesús dos Martírios, intenso clarão, jorrando do nicho externo do templo, local que sabíamos ter sido o da exposição da cabeça e das mãos decepadas do herói idealista José Peregrino de Carvalho.

E a defrontar o nicho, nosso olhar incidiu sôbre uma figura de trágico aterrorizante. Era um Cristo de cabelos desgrenhados, estranho olhar esgazeado, faces descarnadas pintalgados de gotas de sangue rubro sobressaindo do lenho, tendo ainda junto de si os símbolos tangíveis da crucificação.

O impulso que nos dominou foi de pânico, uma vez que naqueles tempos ainda acreditávamos nos fantasmas e nos malassombrados. Contivemos o nervosismo e trêmulos, atravessamos a réstea da luz, a caminho à residência do nosso destino, que ficava no ponto onde atualmente, existe o sobrado residencial de opulento usineiro-banqueiro.

Essa imagem do pesadelo, cumpre seu destino de objeto de museu, visto que representa uma época de estatuário religioso, havendo semelhantes em vários templos antigos, inclusive os aterrorizantes quadros do purgatório povoado de diabos rabudos e de almas réprobas, que os vigários mandavam confeccionar, a fim de servir de amostra aos pecadores do que significava reino de Lucifer. Êsses quadros desapareceram quase todos mas o Museu deve deligenciar para recolher os que ainda restam, inclusive um que o falecido vigário de Serra Branca acariciava como documento expressivo de uma fase da mentalidade religiosa de votos e sacerdotes.

O Cristo, de pesadelo constitui um testemunho do estado de espírito dos santeiros da época de obscuridade, uma vez que, na atualidade, o que se procura realçar na fisionomia dos bemaventurados é, precisamente, a doçura do olhar e meiguice da feição, nunca as expressões horripilantes adequadas à representação dos pregadores vociferantes, superados pelas novas tendências da igreja.

RECORDAÇÕES DA OUTRA VILA

Da amplitude reduzida se nos afigura o horizonte que de Alagoa Nova se descortina, o desfile das criações lendárias e as projeções visuais das suas tradições; no entanto o meio demonstrou favorável ao rebentar das aspirações poéticas dos seus filhos, dos quais Eudes Barros, constitui o paradigma e o professor Clodomiro Leal, emerge com o feiticeiro, que de mãos fortes proporcionou a eclosão das inteligências, incutindo conhecimentos científicos desbastando a selva, luxuriante analfabetismo, preparando para os êxitos da vida prática as sucessivas gerações dos nascidos nesta terra bonançosa.

A natureza desmanchou-se, prodigalidade dos seus dons, situadas nesta latitude paradisíaca, com o clima propício às meditações dos espíritos, as manifestações do convívio social, estimulador dos gestos de bondade, de humana compreensão e de mútua fraternidade.

Coincidindo tantos fatores positivos, era de esperar a existência de uma comunidade ideal. Entretanto, a formação social e o comportamento das gerações que vão repontando, trazem a marca de nefasta influência ancestral, qual seja, o ascendente feminino nos negócios públicos, no convívio de vizinhança, formando um complexo, que sòmente tardiamente se libertou a comunidade.

Desejaria escrever coisas belas, emocionantes, sôbre uma terra onde vivemos, fremido de íntima satisfação, mas, também, amargurados momentos de decepcionante incompreensão. Contactos afetivos, liames sentimentais, apesar de tudo, nos aproxima da cidadezinha, plantada [illegible] de

lagoa, onde is batráquios não executam os seus programas polifônicos.

Revendo-se o passado de Alagoa Nova, destacava-se a figura lendária de D. Penha, que impunha a sociedade inciplente a sua vontade de ditadora em potencial. Correm os anos, passam as gerações, modifica-se os regimes políticos, a localidade ostenta as cicatrizes recebidas em razões das situações que vivem. Tudo se modificou e tomou novas dimensões, mas o espírito de D. Penha continuou tendo sucessivas reencarnações, a última das quais corporificadas na figura de verdadeira matrona romana.

Dezenas de anos com a vida gravitando em tôrno da senhora do Engenho Geraldo, espôsa e depois viúva do notável paraibano, encarnando a figura respeitável à prestigiosa do chefe político, que nestes dias de irreverência é objeto dos risos de mofa das comunidades rebeldes.

Matrona na lata expressão de têrmo, gerou nas suas entranhas, numerosa prole que encaminhou na estrada do êxito. Bacharéis, médicos, militares, clínicos, educadores e escritores cultos, formavam a clan ilustre dos Tavares Cavalcanti, cujo predomínio no município foi ainda disputado pelo impetuoso Eufrásio Câmara, sem êxito, entretanto.

A influência da família expandia-se. Um deputado federal, dois estaduais, ambos genros da Castelã do Geraldo, representavam a família nos altos círculos da vida pública estadual e federal, até que a Revolução de 1930, na ânsia da destruição de "tabus", políticos também investiu contra o predomínio absoluto, alicerçado por tantos anos de direção do município, cercando-lhe as muralhas roqueiras.

Persistiram, porém, a tradição e conservou-se intacto o respeito dos contemporâneos dessa mulher, que parece ter servido de modêlo para a canção "Paraíba mulher Macho, Sim Senhor", porque ao lado das virtudes do sexo, reunia a fortaleza e as decisões de apanágio dos homens de fibra.

Velho, trilhando a senda onde perpassa vacilante a côrte valetudinária dos anciões, no dia que o Governador Pedro Gondim, inaugurou o imponente "Forum Tavares Cavalcanti", apraz-me evocar seus tinos mais tradicionais como Sinhozinho Souto, que protegia-se das traições do clima hibernal sob as asas de grosso capote de lã, a debater os problemas do Além, com Joca Assunção, Duduca Colaço e outros discípulos de Alan Kardec, assim como o cuidado de Manoel Mico, Clementino Leite, de se afastarem para não se encontrarem na continência de opinarem na defesa dos seus sentimentos de católicos praticantes. Outros vultos do panorama humano desfeito no tempo, perpassa na tela de memória deluídos, qual sombras indecisas.

A justiça local estava concentrada teòricamente, na pessoa do Juiz Galileu Belli, na realidade o Tabelião Feliciano Cavalcanti, réplica do "Maracujá", da "Chamaan", de Graça Arariha, era a mola mestra do movimento forense local.

O papel do aglutinador local da população católica estava confiado a essa notável vocação de sacerdote que, foi o padre Abdias Leal, cedo arrebatado pela morte. Era um espírito suscetível de entusiasmo pelas boas causas e. graças a sua influência, mas encontramos convertido em comandante dos voluntários, que vieram se juntar ao exército de Trinta.

A nossa modesta residência, vizinha do agiota João Veras, a princípio e, mais tarde, à sombra da igreja, que já não existe. era, entretanto o local da agradável tertúlia em que prontificava o saudoso Inácio Gondim senhor do Engenho Capim-Açu que, aos domingos preenchia as horas de regressar ao "mato", comentando os fatos contemporâneos ou rememorando acontecimentos do passado, com a cooperação e sugestões de Graciliano Baracuhy.

Os dias correram com a placidez dos lagos plantados entre montanhas, mas se incresparam, entretanto ao sopro da intolerância, quando o nosso seminário "O Momento", decidiu quebrar a rotina, a fim de focalizar aspectos das coisas locais. Êsse, é um período de nossa premanência naquela terra que relembraremos noutra oportunidade, se esta se me deparar favorável, podendo também evocar as

implicações da atitude do jornalzinho, inclusive salto do cimo de uma casa, praticado por figura de prôa, do meio, cujo desvario foi atribuído a depressão provocada pela ação dos pequenos periódicos ,como se impulsos suicidas precisassem de estímulos, quando ocorrem no íntimo de indivíduos com inclinações para o cometimento de gestos incontroláveis.

Entretanto a principal curiosidade local consiste na nudez da saparia, pululantes das águas frias da lagoa. Conta-se que certa vez um pregador ambulante, no momento da invocação dos castigos divinos para amancebados de nova seita, interrompidos pelo coaxar estridante de tôda sorte de batráquios, enfureceu-se e bradou: Calai-vos malditos. Mal estas palavras foram pronunciadas e o silêncio absoluto se fêz. E desde êsse dia os batráquios do lago natural ao pé da cidade, nunca mais abriram a bôca para entoar o côro característico dessa classe de indivíduos.

IMAGENS DE 1930

Durou apenas seiscentos e quarenta dias o govêrno de João Pessoa neste Estado, mas o saldo das suas realizações, contribuiu para a revisão do julgamento dos contemporâneos, operando-se a transição do incondicionalismo, quase hostil, dos primeiros meses, com atitudes de repulsa de alguns setores da opinião pública, na conversão ao entusiasmo e a admiração da comunidade pelo grande concidadão, que com ela se identificou, logrando, assim, a consagração que lhe perpetua a lembrança dos seus atos e atitudes, estilo de govêrno e comportamento perante a política, alcançando porisso a consagração das massas, sentimento êste com o sinete de perpetuidade.

Na primeira fase do govêrno, teve João Pessoa de provocar o surgimento de áreas de atrito, que evoluíam para franca hostilidade, devido as providências reformistas, atingindo a administração pública e os setores da política onde, até então predominava o **coronelato.**

As desapropriações, levadas a efeito para o alargamento e a retificação de ruas da Capital, baseando-se as indenizações no valor do impôsto predial, acarretou a aversão dos proprietários dêsses imóveis que, ferido nos interêsses materiais, não atinaram com a significação das obras de urbanização do bairro comercial, vindo a reconhecer sòmente mais tarde a sua importância.

Os contemporâneos daqueles dias trepidantes da nossa história e, sobretudo, após o pleito de 1o. de março e a subsequente depuração a candidatos eleitos pelo voto consciente dos cidadãos, decerto, recordam do clima de pre-

venção que se condenava em tôrno da atitude varonil de João Pessoa, recusando submeter a Paraíba aos caprichos políticos do Presidente da República, fulminando com o NÊGO histórico à candidatura tirada do bôlso do colete do prepotente Chefe da Nação, provocando, assim, o desencadeamento de perseguições envolvendo claras ameaças à autonomia do Estado.

A Paraíba, ou mais de noventa por cento do seu povo, vibrou de entusiasmo face àquela tomada de posição no problema da sucessão presidencial, como fremeria de indignação diante de corpo inanimado do seu grande dirigente, imolado no Recife, ia a luta contra a subversão da ordem nos sertões paraibanos.

Depomos sôbre êsses acontecimentos, como habitante do interior, mas participante em espírito dos principais episódios que tinham como centro de irradiação a velha cidade da Paraíba. Ocupavamos-nos da tarefa da mobilização, a fim de formar um escudo de proteção da ordem na expectativa dos fatos de Princesa Isabel se refletirem noutras áreas do Estado, sobretudo na zona dos brejos, onde havia vigorosos focos de perrepistas, identificados como os adversários e inimigos da situação dominante, empunhando armas fratricidas naquele ponto da Paraíba.

A notícia da morte de João Pessoa nos alcançou numa hora emocionante, propícia para a exaltação de que deu lugar em todos os ângulos do Estado, onde repercutiu como uma perda de consequências imprevisíveis.

Vivíamos os dias heróicos da resistência contra a subversão da ordem, que se expressou na criação do ridículo Território Livre de Princesa, na verdade o maior fator da popularidade alcançada por João Pessoa, superado o período de incompreensão dos seus propósitos e dinamizadores de administrações estadual.

Categorizadas testemunhas oculares e visuais dos acontecimentos, como o historiador Coriolano de Medeiros, fixaram sobreamente alguns episódios, que vale a pena relembrar:

Certa manhã fomos acordados no hotel, onde nos hospedamos, como os sinos tocando afinados. Eram os garotos da cidade a percutirem os postes de aço de rêde elétrica, imitando os toques dos sacristãos, anunciando, dessa maneira fúnebre, a chegada dos chefes do perrepismo que foram ao Rio e São Paulo acertarem o financiamento da campanha presidencial.

O episódio, Coriolano de Medeiros registrou num capítulo de trabalhos inseridos em efémera publicação dessa Capital.

"Organizada a engrenagem política no Rio de Janeiro, referenciada em S. Paulo, nortearam para a terra natal desembargador Heráclito Cavalcanti e o dr. José Gaudêncio, revestidos de "ESTÍMULOS" para animarem o perrepismo nesta unidade da Federação Brasileira. Falou o telégrafo, anunciando a partida, ao mesmo tempo que diziam para o sul, corriam os viajantes riscos de vida, perante o situacionismo paraibano. Tais recursos, muitos velhos entre políticos profissionais, sempre teve por fim mover a compaixão ou o amparo da Presidência da República, para justificar fiascos e "criar serviços".

O que é certo é que a Paraíba guardou tranquila a chegada dos aludidos chefes, pelo menos quis demonstrar de público, desejo de recebê-los sem hostilidade. Mas, o perrepismo daqui, para armar efeito, telegrafou ao Govêrno Federal, pedindo garantias de vida para seus dirigentes e a liberdade de ação para a propaganda política.

João Pessoa, que também cultiva o remoque, recebeu sizudamente o pedido e aguardou o dia do desembarque

Chegou a ocasião: Um belo dia claro prenunciava forte soalheiro. A população despertou para o trabalho cotidiano e os que desciam das Trincheiras para o Varadouro, ficaram surpresos. Em todo o percurso da Estação da Conde D'Eu, as residências dos dois próceres oposicionistas, de cem em cem metros, estava de carabina ao ombro, um soldado da polícia. A princípio supôs-se ser a intervenção, depois o povo começou a rir, era a garantia pedida pelos dois

chefes ou alguém por êles. E o ridículo foi tal, que, desembarcando, caminharam sòmente até o começo da rua Barão do Triunfo, onde se abrigaram na redação de "O Norte", declarando que dali não sairiam enquanto a fôrça não fôsse recolhida ao quartel. Estava consumada a pirraça.

sínio de João Pessoa, quem o fixou em côres de trágico

O Estado emocional dos paraibanos, em face do assassinato foi José Américo, em "OCASOS DE SANGUE". Coriolano de Medeiros trata o tema sòbriamente, descrevendo, porém, objetivamente, a exaltação provocada pela presença do corpo de João Pesoa, episódio do qual fomos testemunhas presenciais mas faltando-nos "Engenho e Arte", para transmiti-lo aos leitores, porisso recorremos ainda ao mestre, a fim de completar êsse trabalho da evocação dos dias verdadeiramente grandiosos da nossa terra.

O mestre Coriolano de Medeiros esboça o quadro seguinte, num trecho do trabalho a que nos reportamos:

— "Anunciaram a vinda do corpo de João Pessoa, bem como a próxima chegada do irmão, coronel José Pessoa. O povo exultou. A vinda de um irmão de João Pessoa era uma esperança. Ali estaria um chefe, um homem de fibra capaz de levar o povo paraibano a desafronta, diziam. Mas, decepção. O coronel chegou, pedindo calma, muita calma por meio de boletins. No dia 30 pela manhã com acompanhamento excepcional, desceu o ataúde de João Pessoa, para o trem, que devia o conduzir para Cabedelo, onde fundeava o Paquete que o levaria ao Rio de Janeiro. Chovia, mas a multidão coesa e triste acompanhou cantando em surdina, o Hino Nacional. O préstito desceu pela avenida General Osório, pelas praças Aristides Lôbo e Pedro Américo e ruas Barão do Triunfo, Maciel Pinheiro e Visconde de Inhaúma. Ao entrar nesta, uma companhia de guerra do Exército fêz continência com três descargas. A retaguarda do acompanhamento suspendeu a marcha na suposição de tratar-se do início de tiroteio. Depois acalmou-se e prosseguiu. O trem não sei a razão, esperava o ataúde na praça 15 de Novembro e não na estação. Embarcaram os despojos do grande paraibano acompanhados de alguns membros da família enlutada. A locomotiva deslizou e sumiu-se na côrte do Zumbi".

Acrescentamos a essa reportagem a visão da massa apresentando evidentes sinais fisionômicos de profunda consternação, que dominava todos os espiritos. Os gritos, o pranto alto e os vários sinais de emoções devastadores, jamais se diluirão da nossa memória.

ÁRVORES DO BEM E DO MAL

Rareiam as grandes gameleiras frondejantes nas vias públicas, que há décadas passadas constituiam o centro de reuniões ao ao livre nas comunidades dos brejos e do litoral.

À sombra dessa árvore funcionava singular agremiação nascida espontâneamente dos impulsos fraternais dos habitantes da artéria residencial onde estava plantada.

Supria a falta de um café ou bar que o meio não oferecia condições de funcionamento e, do clube também inexistente naquele trecho do bairro. Afluiam gente de todos os ângulos do Rogers para animar a troca de informações porque o círculo tinha o caráter de central de notícias, comentadas e interpretadas sob critérios singulares. Política e outros incidentes eram as matérias principais, abordados de maneira mais livre possível, dosada tudo de irreverência na conceituação e na análise, não sofrendo influências suavizadora dos rigores, nem quando a silhueta dos sacerdotes, moradores na área, se projetava, no ângulo visual determinando o uso de terminologia mais policiada.

Era a gameleira o centro de convergência do bairro e nunca a sua sombra despovoava-se de frequentadores, em tôrno dos quais se adensava a comunidade infantil, avida de interpretar o sentido das conversações dos adultos, por vezes acaloradas.

Essa influência crescera e os frequentadores juvenis se firmava como valores humanos de primeira ordem, podendo citar de memória os nomes de alguns, como os irmãos

Cleanto, Cláudio, Celso e César Leite, Homero Leal, Kleber Marques, Afonso Navarro, José Norat e tantos outros.

Árvores ilustres pontilham a história da humanidade funcionando como testemunha de uma época e de homens representativos do que de melhor e mais digno produziu a espécie humana. A macieira que ainda floria em Atenas até o início dêste século, recordando os filósofos Sócrates e Platão que a sua sombra transmitiam aos gregos a mensagem das suas filosofias ou a figueira de Gólgota, na qual Judas Escariotes teria se enforcado num impulso de tardio arrependimento.

Mas o cajueiro ocupa neste quadro situação excepcional relêvo, porque os indígenas lhe dedicaram a principal das suas festas comemorando a safra, regrando tudo com suculentas cuias de licor semelhante ao nectar dos deuses Olímpicos. E o trovador cearense Juvenal Galenas cantou:

"Cajueiro pequenino,
Carregado de flôres
Também sou pequenino
Carregado de amores"

Humberto Campos deixou maravilhosa página unida de sentimento, quase hino panteístico, ao cajueiro que brotou no seu quintal de menino pobre, árvore que se converteu no símbolo floral da sua literatura. Ao contrário dessas referências enobrecedoras ao prestante anarcadíacea, repontando noticiário policial, com demasiada frequência, referências ao papel distribuído ao cajueiro da Ponta do Seixas, citado colo local de suspeitas "rendez-vous" e de esconderijos de marginais e tocaiadores prontos a roubarem vidas humanas.

O esclarecimento da autoria do massacre do jovem, neste local tem o sentido de reparação a injúria feita A árvore que os indígenas consagravam, juntamente com a jurema, para o culto dos deuses tribais porque o cajueiro do Seixas não deve se incorporar as crônicas policiais mas voltar a ser encarada com a árvore providencial das areias litorneas, proporcionador da sombra refrigeradora e do fruto que constituem o suporte econômico da pobreza.

A COMUNIDADE PENINSULAR DO PAÓ

Gravou-se na retentiva infantil descrições ouvidas dos lábios de pessoas que andaram por Alagôa Grande, no trato de negócios, acentuou a impressão auditiva e indelével de um amanhecer naquela cidade, sob o impacto da trepidação de vinte e quatro maquinismos de beneficiar o algodão, trabalhando em sincronia.

Anos depois, chegando à cidade plantada na península formada pelo rio Mamanguape e a Lagôa Paó, tendo ao fundo a gigantesca serra da Paquivira, coroada por um cruzeiro, não deparei mais naquela orgia do maquinismo beneficadores da malvácea, mas o comércio algodoeiro ainda era considerável, conjugando a produção do Curimataú, com a da Caatinga a áreas limítrofes do Paraíba-Rio Grande do Norte, porque ainda não havia sido absorvido por Campina Grande, cujo surto exposicionista apenas se esboçava e iria engrandecendo, até culminar com a conquista pela Rainha da Borborema.

A praça comercial de Alagôa Grande era ainda abastecedora do interior, não influenciado por centros comerciais da sua periferia, situada que era à distância considerável, aquém da Borborema.

Em verdade, não havia conformismo diante da agressividade da praça rival, porque Alagôa Grande reagia demonstrando o propósito de sobreviver não obstante os fatôres adversos que militavam em seu desfavor. As casas retalhistas registravam movimento impressionante, sobretudo por ocasião da feira semanal, mas notava-se sintomas veemen-

tes da próxima decadência, refletindo na crescente diminuição do movimento de vendas.

Entretanto, logo após a pressão inicial, verificou-se singular surto do renascimento, positivado com a abertura de novos estabelecimentos e as manifestações de confiança no futuro, que aflorava a todos os lábios, de fé que se lia em tôdas a fisionomias. Era sintoma gerado pela obstinada confiança do destino que estava reservado àquela comunidade. Êsse destino negaceou e a depressão comercial devastou a praça, enquanto esta se readpatva às novas condições originadas, especialmente do prolongamento ferroviário, alcançando a metrópole serrana.

X X X

O nosso encontro com Alagôa Grande ocorreu no momento que eram evidentes os sintomas da decadência comprovada pela interrupção das atividades das agremiações lítero-diversionais, que davam tanta vida à comunidade urbana, onde se encontravam valôres musicais apreciáveis, como se contatava indo ao teatro Santa Inês. No hall dessa casa de espetáculo, tocava uma orquestra na qual sobressaia os violinos. Constituia selecionado conjunto de amadores qualificados socialmente, visto que era integrado por elemento da melhor sociedade local, como sejam a viúva do senador Apolônio Zenaide, espôsas do deputado Severino Montenegro e a do promotor Sizenando de Oliveira e outras do mesmo nível social.

O Teatro competia com dois cinemas. Abrigava frequentemente conjuntos teatrais para temporadas prolongadas. Alí conhecemos artistas que depois se projetaram no cenário artístico nacional. E vivemos horas inesquecíveis, embaladas pela sonoridade das declamações, envolta nas ondas harmônicas do repertório requintado, executado com maestria pelos grupos amadores.

A depressão não acarretou, entretanto, a surpressão dos semanários que continuaram circulando, nos períodos de

maior atividade política que na verdade, tinha intermitências demorados.

Sentia-se a influência da previsão dos anos a vir pressagiando a decadência econômica, que sobreveio anos mais tarde.

X X X

As recordações da fase da mocidade passada naquela cidade, sobrevivem na imaginação, destacando-se a recordação da grande inundação de 1915, produzida pelo transbordamento simultâneo da lagoa do Paó e do rio Mamanguape, engrossados pela enchente do rio Jacu, convertendo-se em caudal devastador da área urbana, com as águas lambendo o pé da colina sôbre a qual grimpavam o Teatro Santa Inês e o Colégio de N. S. do Rosário. Constituiu espetáculo belo e horrível, apreciado do mirante da encosta do Paquivira ou do alto da rua Buenos Ayres. Casas com água a sair pelas janelas, palhoças boiando ao sabor da correnteza, com os habitantes refrigerados sôbre os tectos oscilantes, aguardando o socorro dos voluntários convocados para a obra da salvação.

Parece que nunca mais ocorreu calamidade semelhante naquele trecho da cidade, em vista do alargamento do canal destinado vasadouro dos excessos das águas acumuladas na Lagoa, senão devido ao abrandamento dos rigorores hibernais.

Na área urbana, onde Stringuine armava o seu circo famoso, na rua da Lama, funcionava o cabaret da Umbelina, teatro horas mortas da noite, de cálidas exibições nudistas, do qual era testemunha visual, e participavam ativos, o destacamento policial deslembrado do dever da prevenção da mortalidade dos costumes.

X X X

Havia em Alagôa Grande as tradições policiais, notabilizadas pelas violências do procedimento. O Capitão Ernes-

to Cavalcanti deixou fama do seu poder e da sua intolerância. Mas, outro delegado adquiriu maior renome, visto que se transvestiu com o manto de civilizador da comunidade matuta, decretando o uso da camisa ensacada, em vez do fralda ao pléo, como era de costume nas áreas rurais, não modificando-se seus usos para frequentar a feira do sábado.

Êste outro delegado, atuando em estreita combinação com o Prefeito da cidade, baixou determinação, vedando a entrada na cidade de qualquer pessoa com a camisa fora das calças. No primeiro sábado os matutos desdenharam a recomendação, mas, no seguinte, deparavam, ao atingir a entrada da cidade, com dois policiais postados em atitude agressiva. Os quais empurravam as fraldas das camisas para dentro ds calças, com o sabre, pouco importando o ferimento que acionavam, assim como o estrago da peça do vestuário.

Nem assim os matutos compreenderam a necessidade da obediência estrita à intimação, e voltaram no outro sábado trajando segundo a tradição imemorial. Os policiais, então cortaram a fralda traseira das camisas a golpes de sabre, deixando-os surus, como as nambus desrabadas.

Grande foi a celeuma, mas daí em diante não mais se viu frequentando a feira ou transitando pelas ruas da cidade as fraldas traseiras a esvoaçarem.

X X X

Alagoa Grande constitui a comunidade urbana, com a qual mantivemos a mais estreita convivência acompanhando simpàticamente a sua lida pela sobrevivência, no período inicial do esvaziamento econômico, assinalado pela agonia da sua praça, outrora vigorosa e pujante.

No período que nos reportamos enlarguecia o seu comércio, orientado por homens de iniciativa e extraordinária tenacidade, tentando suster o colapso fatal.

A praça mantinha ainda certo vigor, contando com firmas poderosas, que seriam vencidas pela expansão de Campina Grande, favorecida pela condição de ponto final da estrada de ferro.

O comércio algodoeiro remanescia. Dois cinemas funcionavam, numerosas lojas, farmácias e panificações, asseguravam o movimento, sobretudo nos dias de feira. Mas o eclipse dessas atividades estava próximo, sobrando arremêdo da praça ativa de outrora quando abastecia o comércio até além das fronteiras do Rio Grande do Norte.

O panorama urbano, entretanto, era rico de valores humanos. Frequentavam à cidade os caixeiros viajantes palavrosos e boçais de João Pessoa e do Recife, que aproveitavam os últimos estertores de um comércio condenado pela inelutabilidade circunstancial, para seus negócios em condições siloquianas.

A cidade tinha justo e desvanecedor orgulho da sua elite intelectual, sobretudo da mocidade vibrante da qual participavam Josué da Silveira, Ramos Correia, Severino Aquino, Severino Inácio, Elpídio Chaves, que conosco formava um grupo inconformado com a chatice da vida.

Nesta época o ministro Osvaldo Trigueiro recebia lições de humanidade do seu professor Josué da Silveira quase da mesma idade. Relembramos êsse companheiro de aventuras da mocidade, assim como o saudoso Álvaro Paiva, tão cedo arrebatado pela garra da morte.

A avalanche de reminiscência que se irradia do pensamento, projetando imagem dessa cidade que se mira nas aguas paradas da lagoa do Paó e banha nas correntes temporárias do Mamanguape, única evidência do correr dos tempos, em sua posição imperecível, se atropela na memória focalizando a paisagem de uma época mergulhada nas dobras do passado.